



KUCINSKI, Bernardo. *K – Relato de uma busca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 176p.

Luto e memória em *K – Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski

Ricardo Garro*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil
ricardogarro@terra.com.br

K – Relato de uma busca, de Bernardo Kucinski, demonstra como, nos liames da literatura, da memória e do testemunho, a narrativa literária pode trazer à tona a experiência da violência e do desespero de uma época marcada pelo autoritarismo de Estado. O livro narra a história do desaparecimento de Ana Rosa, professora de Química da Universidade de São Paulo, em 1974, durante o regime militar que governou o Brasil entre 1964 e 1985. Tendo como foco a perspectiva do pai da professora desaparecida, nomeado no romance apenas como K., o narrador questiona os limites do poder do Estado que paira sobre o arbítrio dos cidadãos, marcando-os e constituindo-se como um trauma político.

Editado pela primeira vez em 2011, *K – Relato de uma busca* marcou a estreia tardia na ficção do jornalista e professor Bernardo Kucinski, aos 74 anos. A partir de um evento real, o desaparecimento de sua irmã, Ana Rosa Kucinski, creditado ao aparato repressor da ditadura militar, o escritor desdobra realidade em ficção, o que permite ao leitor um contato com um relato que transita entre o testemunhal e o ficcional, identificando passagens históricas referidas no texto, mas ao mesmo tempo se distanciando destas como é próprio da criação ficcional. O enredo está inevitavelmente ligado a uma realidade que é reconhecível, mas Kucinski demonstra que, via discurso literário, é possível subverter o factual em uma instância no qual o engajamento crítico é capaz de mobilizar a leitura para uma realidade política específica, sem que para isso tenha-se que recorrer ao panfletário do discurso político.

O personagem da história, K., foi baseado no escritor judeu-polonês Meir Kucinski, pai de Ana Rosa e de Bernardo Kucinski, que fugiu da Polônia, em um período anterior à Segunda Guerra Mundial, e que ao chegar ao Brasil se dedica à literatura iídiche. No livro de Kucinski, K. é descrito como um homem que, na nova vida de imigrante, abstém-se de qualquer ação política e que se surpreende ao descobrir a militância da filha em grupos clandestinos de esquerda. Ao retratar o cotidiano da busca desse personagem, primeiro pelo paradeiro da filha, depois, após se convencer

* Doutorando em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.



de seu assassinato, pelos seus restos mortais, Kucinski estabelece um retrato do período ditatorial brasileiro que trafega entre o trauma da perda e a impossibilidade de um luto. Temas que, para o personagem K., são aprofundados por se tratar de um judeu europeu que acompanhou, do Brasil, a perseguição nazista aos judeus na Europa, mas da qual não deixou de sofrer suas consequências em função do assassinato de parentes e amigos após a Polônia ser invadida pelas tropas alemãs.

Walter Benjamin afirma, em “O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”,¹ que quem pretende se aproximar do próprio passado deve agir como um homem que escava,² e, também, em “Sobre o conceito de história,”³ que se trata de uma questão ética recolher os fragmentos do passado como “o cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.⁴ A exigência fundamental para Benjamin seria recuperar a história do ponto de vista dos vencidos por intermédio dos “escombros” do que foi silenciado pela história oficial. Assim, nas palavras de Jeanne Marie Gagnebin, o historiador, a partir da perspectiva de Benjamin, seria aquele “capaz de identificar no passado os germes de uma história, capaz de levar em consideração os sofrimentos acumulados e de dar uma nova face às esperanças frustradas”.⁵

Como o historiador de Benjamin, o escritor Bernardo Kucinski utiliza a ficção não só para revisitar o passado recente do país, como também para presentificar a memória de uma época, tornando-a necessária e pungente em sua atualização na contemporaneidade, seja na afirmação via discurso do resgate de um direito de memória para aqueles que formam silenciados pela ditadura, seja na própria construção do romance, no qual os fatos passados repercutem no cotidiano de indivíduos e de parte da sociedade brasileira. O livro se torna, assim, ele próprio, discussão sobre a memória da ditadura, sobre a penalização de agentes do Estado, sem evitar problematizar as ações de indivíduos que fizeram parte de grupos guerrilheiros.

¹ BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

² BENJAMIN, 1985.

³ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

⁴ BENJAMIN, 1985, p. 223.

⁵ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas*, volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 8.



Ao centrar o drama dos desaparecidos políticos na figura de um pai em busca da filha, Kucinski amplia o olhar para além da experiência daqueles que sofreram a experiência física da tortura e do assassinato, abarcando aqueles que vivenciaram o drama do desaparecimento de um amigo ou parente. Sem deixar de tocar em temas ainda sensíveis que envolvem o tema, como a negativa ou o silêncio por parte do Estado e de grande parte da sociedade civil brasileira, ou ainda a culpa do desaparecido. A partir dessa perspectiva, uma das imagens mais simbólicas no romance é a do pai que não pode enterrar a filha. O lugar vazio do desaparecido se torna, então, simbólico do autoritarismo e da violência para o personagem K., que morrerá sem o reconhecimento necessário por parte do Estado brasileiro.

No posfácio de *K. – Relato de uma busca*, Renato Lessa assinala a posição do personagem frente a dificuldade de lidar com o lugar vazio da filha a partir da impossibilidade não só de atestar sua morte, mas também da ausência de um corpo para se realizar o luto:

É mesmo o caso de indagar-se: e se o real tivesse a forma de um abismo? Ou de uma lápide – desejada por K. – sobre o espaço vazio da ausência irremediável do corpo da filha que ali deveria estar, para que o curso da vida tivesse o mínimo de sentido?⁶

Para Lessa, a não realização do luto transporta o personagem para o lugar vazio de sentido que torna impossível a própria vida. A vivência da dor se torna a realidade cotidiana do personagem. Esse lugar que se expressa na escrita de Kucinski é, em grande medida, o ponto alto de *K. – Relato de uma busca*.

Recebido em: 29/08/2017.

Aprovado em: 09/09/2017.

⁶ LESSA, Renato. A experiência de K. In: KUCINSKI, Bernardo. *K. – Relato de uma busca*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 187.